

# ETNOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NA LINGUÍSTICA APLICADA: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

## ETHNOGRAPHY AS A RESEARCH TOOL IN APPLIED LINGUISTICS: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTIONS

Ana Paula Simões Pessoa<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga a etnografia como uma abordagem teórico-metodológica para a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. Inicialmente, discuto a etnografia como método de pesquisa, destacando suas principais características. Em seguida, apresento transcrições de um episódio interacional ocorrido em uma sala de aula de uma escola bilíngue português-inglês, ilustrando como essas interações podem ser analisadas. Argumento que a análise de práticas de linguagem, quando realizada em conjunto com um trabalho de campo etnográfico, oferece uma compreensão mais profunda e contextualizada das ações situadas. Além disso, examino como essa combinação metodológica pode revelar dinâmicas sutis e complexas das interações escolares, que muitas vezes passam despercebidas em abordagens menos contextuais. Por fim, enfatizo a importância de um olhar minucioso e contextualizado na pesquisa em ambientes escolares, destacando como essa perspectiva pode enriquecer a discussão sobre práticas educacionais e contribuir para a melhoria das políticas e práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** etnografia, linguística aplicada, etnografia da linguagem, educação básica.

### ABSTRACT

This article investigates ethnography as a theoretical and methodological approach to research in Applied Linguistics in Brazil. Initially, I discuss ethnography as a research method, highlighting its main characteristics. Subsequently, I present transcriptions of an interactional episode that occurred in a bilingual Portuguese-English classroom, illustrating how these interactions can be analyzed. I argue that the analysis of language practices, when conducted in conjunction with ethnographic fieldwork, offers a deeper and more contextualized understanding of situated actions. Furthermore, I examine how this methodological combination can reveal subtle and complex dynamics of school interactions, which often go unnoticed in less contextual approaches. Finally, I emphasize the importance of a detailed and contextualized perspective in researching school environments, highlighting how this view can enrich

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela *Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul* (UEMS). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5126-1652>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4177029913653560>. Email: [anapaulasimoesz@gmail.com](mailto:anapaulasimoesz@gmail.com).

discussions on educational practices and contribute to the improvement of educational policies and practices.

**Keywords:** ethnography, applied linguistics, ethnography of language, primary education.

## **Introdução**

Entrar em um grupo social, seja ele uma escola, uma instituição, um grupo de língua minoritária, com o intuito de realizar uma pesquisa, pode parecer algo ordinário para nós inseridos em um programa de pós-graduação. Levamos conosco nossa posição de pesquisadores, o que, muitas vezes, pode nos colocar em uma posição superior por representarmos uma instituição reconhecida socialmente. No entanto, entrar no “território do outro” (CAVALCANTI, 2006) exige muito mais do que isso. Desenvolver pesquisa na escola, ela como um locus de construção de práticas sociais e de discursos pelos próprios atores sociais que compartilham esse espaço, é um desafio inquietante e inspirador, o que gera a necessidade de uma compreensão mais aprofundada do espaço escolar.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre a contribuição da etnografia para a investigação da educação em linguagem no âmbito da Linguística Aplicada (LA). Para isso, pretendo discutir alguns pressupostos teórico-metodológicos advindos da etnografia para, com esse olhar, problematizar o papel do pesquisador em investigações de cunho qualitativo tendo como contexto especialmente a escola. Essa discussão que proponho desenvolver resulta, em termos metodológicos, da pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos anos em um contexto plurilíngue no Sul do Brasil.<sup>2</sup> Para tanto, inicialmente discuto a pesquisa de cunho etnográfico como opção teórica. Na sequência apresento a relação e importância da etnografia e os estudos da linguagem, problematizando interações de uma sala de aula bilíngue português-inglês. Por fim, apresento a relevância da etnografia para estudos linguísticos.

## **A pesquisa etnográfica como opção metodológica em estudos da linguagem**

---

<sup>2</sup> Projeto aprovado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 56692222.1.0000.0121.

Os métodos etnográficos de pesquisa surgiram, inicialmente, na antropologia, embora outras áreas de estudos, como a própria linguística, têm utilizado-os e ressignificado-os para seus propósitos científicos (HYMES, 2001 [1974]). No entanto, há antropólogos que consideram a etnografia “um método específico (e exclusivo?) da pesquisa antropológica”, apresentando certa relutância na aceitação de que variadas áreas de pesquisa se apropriaram dessa orientação metodológica, conforme salientam Garcez e Schulz (2015, p. 21).

O emprego antropológico clássico do termo etnografia tem caracterizando-a como uma atividade de pesquisa que requer o convívio, por vários anos, do pesquisador na comunidade alvo de pesquisa, “aprendendo a língua e aplicando método e teoria rigorosos à coleta de dados” (STREET, 2014 [1995], p. 65). Linguistas e linguistas aplicados, nesse sentido, podem se mostrar cautelosos com relação à afirmação de realizarem etnografia. No entanto, há uma via de mão-dupla, na qual a etnografia e a linguística se beneficiam mutuamente, e que valida a abordagem etnográfica na pesquisa linguística, partindo da relação entre fenômenos sociais à linguagem e fenômenos da linguagem ao contexto social. Além disso, como alertam Garcez e Schulz (2015):

Apreciamos o legado e a prática antropológica, mas não somos antropólogos. Tampouco encontramos muito nossos colegas antropólogos no Brasil que tenham interesse ou mesmo apreciação pelos “detalhes da comunicação”, mas temos a convicção de que a etnografia que fizemos nos fundamenta e qualifica para a interlocução com os profissionais com quem interagimos, no nosso caso professores e outros agentes educacionais na escola, na administração escolar, em organizações e na academia (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. p. 24).

Apesar de utilizar a etnografia para a geração dos registros de pesquisa e para o olhar atento ao contexto pesquisado, destaco que ela pode não contemplar a análise “completa” da vida das pessoas (cf. BARTON; HAMILTON, 2004). Como observa Street (2014 [1995], p. 65), a etnografia, em pesquisas voltadas à educação e a questões sociolinguísticas, é adotada como uma orientação metodológica e de conduta com relação ao tratamento dos registros de pesquisa gerados para a “observação atenta e detalhada das interações em sala de aula” e, às vezes, fora dela. Os procedimentos metodológicos da etnografia preveem a inserção do pesquisador no campo, como um observador participante, permanente e reflexivo, ouvindo o que acontece nesse meio. Corroborando com Street (2014), o trabalho de campo constitui um processo constante de observação,

anotação, leitura, reflexão, novas observações e anotações a fim de compreender o cenário em estudo, a vida diária dos participantes, as práticas sociais e o ambiente sociocultural objeto da pesquisa.

O olhar circunstanciado ao contexto pesquisado, do ponto de vista epistemológico e metodológico, tem se revelado como uma possibilidade de privilegiarmos, na condução das nossas investigações, os significados sociais intrínsecos nos usos da língua (BLOMMAERT; DONG, 2010). Essa postura implica rejeitar a conduta de pesquisa que “determina” como padrões sobre a língua e suas práticas letradas “devem ser” para, então, admitir um olhar sensível sobre como as línguas e os letramentos realmente são praticados em dado grupo social. Desse modo, com base em Canagarajah (2006), afirmo que os métodos de pesquisa da etnografia reúnem consideráveis avanços para o debate político sobre as línguas e seus falantes, contestando a tradição positivista de estudos linguísticos.

A opção pela pesquisa etnográfica representa um caminho para gerar compreensão mais detalhada e aprofundada sobre o campo de estudo, uma vez que o desenho metodológico desse tipo de pesquisa é mais flexível e sensível ao contexto social, corroborando com Erickson (1990). O estudo etnográfico nos permite ouvir as vozes das pessoas participantes da pesquisa, no intuito de compreender os conhecimentos produzidos localmente, bem como as ações e efeitos de suas interações. Nesta abordagem, partimos do princípio de que as pessoas participantes são sujeitos sócio-históricos (MOITA LOPES, 2006) que se ressignificam identitariamente e modificam seu meio a partir do engajamento em práticas sociais. Nessa premissa, entendo toda prática de língua(gem) como prática social (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006, 2013; PIRES-SANTOS *et al.*, 2015; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019; SIGNORINI, 1998) e performática (AUSTIN, 1975; BAUMAN; BRIGGS, 1990; PENNYCOOK, 2010) devido ao seu caráter dinâmico e indissociável do contexto social em que ocorre.

No campo da política linguística, então, as contribuições dessa orientação metodológica são significativas para o desenvolvimento de trabalhos preocupados em compreender os contextos, agentes sociais e processos da política linguística, como sua criação, interpretação e apropriação, além das políticas oficiais e não-oficiais, a relação entre a política e a prática (JOHNSON; RICENTO, 2013). Os trabalhos em política linguística, assim, adotam uma orientação sensível ao campo social para reconhecerem

que questões sobre língua, identidade e atitudes linguísticas são de caráter ideológico e resultam em políticas variadas, difíceis de prever (CANAGARAJAH, 2006).

Nesse cenário, é possível encontrar subsídio na área da LA em diálogo com a Sociolinguística, Antropologia da Linguagem e a Educação para problematizar a língua(gem) a partir da discussão de ideologias de língua, sujeito, cultura e conhecimento que atravessam as relações sociais no ambiente educacional. A fim de responder às demandas emergentes no contexto deste estudo, assumo as implicações políticas e éticas das pesquisas em LA (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019) e o comprometimento em formular teorizações para entender as epistemologias do contexto e propor alternativas para as necessidades locais.

### **Etnografia, linguagem e educação**

A conexão entre etnografia, linguagem e educação apresenta dois campos de pesquisa: estudos etnográficos sobre o uso da linguagem em contexto educacional e estudos etnográficos em sala de aula na qual a linguagem é ensinada. Em ambos os cenários, a linguagem é fonte principal de geração de dados. Heller, Pietiainen e Pujolar (2018), por exemplo, utiliza o termo *critical ethnographic sociolinguistics* para explicar o papel da linguagem na construção de relações sociais desiguais que moldam nosso mundo. Em termos práticos, etnografia tem sido entendida como a representação do dia a dia dos participantes de um determinado grupo, embasada nas delimitações teóricas mencionadas nas seções anteriores.

Para ilustrar as discussões tecidas ao longo deste trabalho, apresento exemplos de interações registradas entre professor e alunos em uma sala de aula bilíngue português-inglês. Esses excertos foram obtidos por meio da técnica de observação-participante, aplicada em uma escola localizada em Campo Grande/MS, durante o período de coleta de dados da pesquisa de mestrado. Importa destacar que esses dados, embora subjacentes à pesquisa, não foram empregados na análise final da dissertação. A observação-participante, ao capturar os múltiplos significados atribuídos pelos participantes às suas experiências cotidianas, viabilizou uma descrição e compreensão aprofundadas da complexidade e contextualização inerentes aos eventos sociais observados (ANDRÉ, 1995). Argumento que a interpretação do contexto estudado, a partir de observações

prolongadas, permite ao pesquisador apreender as ações dos atores sociais conforme suas próprias perspectivas, enriquecendo a compreensão detalhada do objeto de estudo.

A partir da minha observação de uma atividade em grupo durante uma aula de matemática, percebi que, apesar de estar em uma sala de aula bilíngue português-inglês, a presença de uma perspectiva monolíngue é marcante, como exemplifico no excerto 01.

Excerto 01 Student: *Olha, ali têm 4 meninos e 2 meninas* [grifos meus];  
Teacher Arthur: There are 4 boys and 2 girls.  
Student: Isso! There are 4 boys and 2 girls. *E ali tem 04 boys* [grifos meus].  
Teacher Arthur: And there are 04 boys.  
Student: And there are 04 boys (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 15/09/22)

Mesmo tendo entendido a fala do aluno, o professor pediu que ele repetisse em língua inglesa, o que havia falado em português. A fala do aluno em português foi desconsiderada, como se não houvesse sentido ou espaço naquele momento, pois a aula em questão era em inglês. Trago essa perspectiva para tensionar as ideias de aprendizagem e percepções de como os repertórios linguísticos são (re)construídos na experiência escolar. Alinhada a Heller (1999), é possível dizer que a escola apresenta normas rígidas, de linguagem utilizadas para monitorar e moldar a produção linguística dos alunos. Notamos no trecho acima, que o professor faz uso dessa norma por meio de uma técnica chamada *request*, na qual é falado na língua alvo – neste caso inglês – o que o aluno disse na língua materna – nesse caso o português – e o mesmo deve repetir na língua alvo. Situações como essa estavam presentes em todas as aulas acompanhadas durante a geração de dados. Segundo o teacher Arthur, no excerto, 02:

Excerto 02: desde o treinamento somos orientados a utilizar o *request* como estratégia para que o aluno utilize ao máximo o inglês. Temos que fazer isso em todos os momentos que os ouvimos falar em português. Às vezes é difícil, pois são muitos alunos falando ao mesmo tempo, mas sempre que percebo, tento seguir a metodologia. (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 27/09/22)

A fala do *teacher* Arthur destaca a necessidade de o professor estar atento ao uso do português para implementar as técnicas e estratégias da metodologia bilíngue pré-estabelecida. Esta observação se alinha com a ideia de monitoramento proposta por Heller (1999), que explora como a vigilância linguística é uma prática comum nas escolas

bilíngues. Segundo Heller (1999), essa vigilância cria um ambiente onde os alunos buscam "meios" para se expressar em outras línguas, além do inglês, que ela denomina de "espaços". Esses espaços não são necessariamente geográficos, mas sim contextuais e sociais. A autora distingue entre "front-stage space" e "back-stage space" nas escolas. O "front-stage space" refere-se aos espaços oficiais e públicos, onde o uso do inglês é esperado e monitorado. No contexto apresentado, as aulas bilíngues representam esse "front-stage space", onde os alunos sabem que devem se comunicar em inglês. Por outro lado, o "back-stage space" inclui os espaços privados e menos regulados, como os momentos de cochicho entre alunos ou conversas em português durante os intervalos e outras aulas.

Essa dicotomia entre front-stage e back-stage revela a complexidade das práticas linguísticas em ambientes bilíngues. No front-stage, o inglês é a língua de prestígio, associada ao sucesso acadêmico e profissional. A necessidade de monitoramento constante para garantir o uso do inglês indica que a língua não é adotada de forma natural ou voluntária pelos alunos, mas sim imposta como uma norma institucional. Isso reflete as dinâmicas de poder e controle presentes na educação bilíngue, onde a escolha da língua de instrução é influenciada por ideologias de prestígio linguístico e econômico.

No back-stage, os alunos exercem uma forma de resistência ao uso obrigatório do inglês, buscando espaços para se expressarem em sua língua materna, o português. Essa prática pode ser vista como uma forma de manter sua identidade linguística e cultural em um ambiente que privilegia o inglês. A distinção entre esses espaços também ilustra como os alunos navegam entre diferentes expectativas linguísticas, adaptando seu comportamento conforme o contexto social e institucional. sociais, influenciando as oportunidades dos alunos dentro e fora da escola. Portanto, a observação do *teacher* Arthur sobre o monitoramento do uso do português e a teoria de Heller (1999) sobre os espaços front-stage e back-stage nos permitem compreender melhor as tensões e negociações linguísticas em ambientes bilíngues. Essas práticas não são apenas questões pedagógicas, mas também sociais e políticas, influenciando a construção de identidades e as relações de poder dentro da escola. Vejamos a seguir outro exemplo, no excerto 03, ainda envolvido na atividade anteriormente mencionada:

Excerto 03: Student 1: aquele grupo está perdendo;  
Student 2: não, vocês estão na frente só por um ponto;

Student 1: mas eu sei que todo mundo vai ganhar;  
Teacher Arthur: ei! [chamando a atenção do aluno 1]. Ok, if the group speaks in Portuguese and if I see, it's not "teacher, fulano is speaking in Portuguese", I don't care. But if I see the group speaking in Portuguese, the group is going to lose one point, ok? [olhando para os dois alunos que iniciaram a conversa em português e franzindo as sobrancelhas] ok?. (Diário de campo – diálogo entre professor e alunos, 15/09/22)

Além da questão do monitoramento apresentado anteriormente, noto neste exemplo que o professor tem a autoridade de controlar os turnos de conversa, ou seja, ele é quem considera quais serão as interações válidas, bem como a qualidade delas. Outra vez percebemos uma perspectiva pejorativa do uso do português, mesmo em uma sala "dita" bilíngue Para Heller (1999), discutido também por Pessoa (2019), tal situação pode ser chamada de ideologia do bilinguismo como um paralelo monolíngue. Nesta perspectiva, discutida também por Garcia e Wei (2014), há a separação entre as duas línguas – português e inglês – de acordo com o professor e ou hora do dia na escola. Nos momentos com o professor do bilíngue, os alunos já sabem que devem interagir apenas em inglês, e que as manifestações em português devem ser feitas sem que o professor veja/escute – *back stage space*.

As discussões apresentadas chamam a atenção para outro ponto: o tipo de bilinguismo empregado neste contexto e qual a ideologia que ele carrega. Em um encontro com a Amanda, integrante da equipe administrativa da escola, perguntei o que as fizeram pensar em trazer o bilinguismo para a escola. Vejamos a seguir o excerto 04.

Excerto 04: Estamos vivendo em um mundo que o inglês está presente em todo lugar. Muitos pais têm procurado esse diferencial nas escolas, as instituições têm se qualificado cada vez mais e retomado a responsabilidade do ensino de inglês. Precisávamos nos manter dentro desse mercado também. Foi muito tempo de conversa e diálogo até a decisão de nos tornarmos bilíngue, um projeto que exigiu muitas reuniões e reflexões. (Conversa presencial na escola Amanda, integrante da equipe pedagógica e administrativa, em 22/11/22)

A análise do trecho evidencia a preocupação de Amanda e das demais colaboradoras em acompanhar as mudanças no ensino de inglês na escola. No entanto, é crucial problematizar alguns pontos levantados nessa fala. Ao questionarmos a motivação para introduzir o ensino bilíngue na escola, não mencionamos uma língua específica. Contudo, pela fala de Amanda, fica claro que, para ela, o bilinguismo se refere



exclusivamente ao inglês, que deveria ser adotado por ser a língua "presente em todo o lugar" (AMANDA, 2019, entrevista). Essa visão pode ser entendida como uma construção decorrente de um processo colonial e nacionalista. De acordo com Makoni e Pennycook (2007), a noção de inglês como língua franca é uma invenção promovida para sustentar o capitalismo global e a ideologia neoliberal. Esse fenômeno, conhecido como "invenção da língua", implica que línguas não são entidades neutras, mas sim produtos de processos históricos, políticos e ideológicos que refletem e perpetuam relações de poder.

Os autores argumentam que o inglês foi consolidado como língua global através de mecanismos coloniais e econômicos que beneficiam as elites e o mercado global. Nesse contexto, a escolha do inglês como a língua do ensino bilíngue na escola de Amanda não é apenas uma decisão pedagógica, mas também uma prática que reforça a hegemonia cultural e econômica do inglês, alinhando-se com interesses neoliberais. A esperança de Amanda em atrair novos alunos para a escola com a proposta de ensino bilíngue em inglês ilustra como a ideologia do inglês como língua global se enraíza nas expectativas e estratégias educacionais. Ao associar o sucesso e a modernidade ao domínio do inglês, perpetua-se a crença de que o acesso a essa língua é essencial para a mobilidade social e econômica. Isso pode levar a um desprezo ou desvalorização de outras línguas e culturas, perpetuando uma forma de colonialismo linguístico e cultural.

Além disso, a adoção do inglês como língua dominante no ensino bilíngue pode gerar desigualdades ao privilegiar alunos que já possuem algum conhecimento da língua ou que têm acesso a recursos adicionais para aprendê-la, enquanto alunos de contextos socioeconômicos menos favorecidos podem ficar em desvantagem. Portanto, é necessário considerar criticamente como as escolhas linguísticas nas escolas refletem e reforçam dinâmicas de poder e desigualdade, e explorar alternativas que promovam um bilinguismo mais inclusivo e equitativo.

Tais reflexões foram possíveis a partir da perspectiva metodológica da pesquisa etnográfica. as subjetividades das pessoas participantes foram trazidas como centrais para a pesquisa e esse movimento resultou em pressupostos teóricos construídos e reformulados durante o estudo, o que é característico da pesquisa etnográfica (FABIAN, 2006; SANTOS; JUNG; SILVA, 2019; PEIRANO, 2014; PIRES-SANTOS *et al.*, 2015). Embora o recorte deste trabalho não seja diretamente intervencionista, tenho consciência

de sua dimensão política, uma vez que pretende de alguma forma ecoar no cenário pesquisado. Além disso, os excertos aqui apresentados pertencem a um discurso social, e o meu papel enquanto foi anotar esse discurso, transformá-lo de acontecimento passado em relato inscrito que pôde ser consultado após o momento de sua produção.

Ainda na mesma direção, trabalhar a etnografia no estudo da prática escolar permite, a partir da observação-participante, entrevistas e diário de campo, “documentar o não-documentado” (ANDRÉ, 1995, p. 41), oportunidade de compreender o contexto a partir das interações e comportamentos das pessoas participantes e de suas interpretações sobre as próprias ações e dos demais no meio social.

### **Considerações finais**

A partir das discussões tecidas neste trabalho, procurei destacar o papel que a pesquisa de cunho etnográfico pode desempenhar no nos estudos da linguagem em contexto escolar. A complexidade dos eventos sociais estudados exige que o pesquisador tenha em mente que a etnografia, como processo de investigação, requer, além das técnicas e instrumentos de pesquisa, reflexão permanente. Para isso, apresentei algumas interações entre professor-aluno de um contexto bilíngue português-inglês desenvolvidas nessa perspectiva, destacando o modo como essas investigações podem contribuir para a reflexão acerca da linguagem. Acredito que a discussão sobre questões metodológicas na etnografia da linguagem é necessária para chamar a atenção sobre esse tipo de investigação.

Um dos principais objetivos em desenvolver pesquisas sob essa ótica reside na preparação da comunidade escolar de modo que todos nela envolvidos possam ter instrumentos e argumentos para implementar suas políticas locais. Acredito que o fato de investigar as amarrações que compõem e emaranham as teorias e práticas locais é um caminho que pode vir a fazer a diferença na vida de todos aqueles envolvidos com educação e linguagem, uma vez que a comunidade é ouvida e tem papel ativo em todo o desenvolvimento da pesquisa.

Por meio de longos períodos de observação, entrevistas, diários de campo e outros registros, é possível lidar com a rotina e com a vida habitual da escola, trazendo à tona questões específicas de cada contexto, examinando comportamentos e práticas de sociais. Por meio do recorte aqui apresentado, pude problematizar um dos aspectos fundamentais

no desenvolvimento de uma pesquisa com viés etnográfico. Meu objetivo foi o de registrar um percurso possível que, na sua singularidade, pode suscitar ecos que contribuam para a construção de outras trajetórias de pesquisa envolvendo sujeitos e questões de linguagem na educação básica.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus, 1995.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford university press, 1975.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. Traduzido por Catalina Zapata-Vial. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MUCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Editoras). *Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas*. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú, 2004, pp. 109-139.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual review of Anthropology*, p. 59-88, 1990. Doi: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.19.100190.000423>
- BLOMMAERT, Jan; DONG, Jie. *Ethnographic Fieldwork: a beginner's guide*. Bristol: Multilingual Matters, 2010.
- CANAGARAJAH, Suresh. Ethnographic Methods in Language Policy. In: RICENTO, Thomas (ed.). *An introduction to language policy: Theory and method*. Hoboken: Blackwell Publishing, 2006. p. 153-169.
- CAVALCANTI, Marilda C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*, p. 232-252, 2006.
- ERICKSON, Frederick. Qualitative methods. In: Robert L. Linn & Frederick Erickson. Orgs. *Quantitative methods; Qualitative Methods*. Vol.2. New York: Macmillan, 1990.
- FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, v. 12, n. 2, p. 503-520, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000200010>
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luís. Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 45-65, 2006.
- GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em linguística aplicada no Brasil. *Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 1-34, 2015. Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/JFbNhQBtw53N4C8j3Q36Lvg/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 21 nov. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-445093806057590158>

GARCIA, O.; WEI, L. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

HELLER, M. Alternative ideologies of la francophonie. *Journal of Sociolinguistics*, v. 3, n. 3, p. 336-359, 1999. Doi: <https://doi.org/10.1111/1467-9481.00082>

HELLER, Monica; PIETIKÄINEN, Sari; PUJOLAR, Joan. *Critical sociolinguistic research methods: Studying language issues that matter*. Routledge, 2018.

HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Volume 39 (Edição do Kindle). New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2001 [1974].

JOHNSON, David Cassels. Introduction: Ethnography of language policy. *International journal of the sociology of language*, v. 2013, n. 219, p. 1-6, 2013.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. *Disinventing and Reconstituting Languages*. [London]: Multilingual Matters, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Ed.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes antropológicos*, n. 42, p. 377-391, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>

PENNYCOOK, Alastair. *Language as a local practice*. USA and Canada: Routledge, 2010.

PESSOA, Ana Paula Simões. “No portuguese in the class”: discutindo práticas de linguagem no ensino bilíngue. 2019. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

PIRES-SANTOS, Maria Elena *et al.* "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua (gem) em contexto escolar. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 31, n. SPE, p. 35-65, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4450761813738654418>

PIRES-SANTOS, Maria Elena. *O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas -Unicamp, 253p, 2004.

SANTOS, Maria Elena Pires; JUNG, Neiva Maria; SILVA, Regina Coeli Machado e. Etnografia da linguagem como políticas em ação. *Calidoscópio*, v. 17, n. 1, 2019. Doi: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.171.08>

SIGNORINI, Inês (Ed.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Daniel do Nascimento; LOPES, Adriana Carvalho. Yo hablo un perfeito português”: Indexicalidade, ideologia linguística e desafios da fronteira a políticas linguísticas uniformizadoras. *Revista da ABRALIN*, v. 17, n. 2, p. 2. Doi: [10.25189/rabralin.v17i2.515](https://doi.org/10.25189/rabralin.v17i2.515)

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno, 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 [1995].

Recebido em 28/02/2024.

Aprovado em 15/05/2024.